

## *Prefácio*

O *British Council* abriu em 13 de Novembro de 1938, em Portugal, o Instituto Britânico, na cidade de Lisboa. Iniciava-se, assim, uma vida que vai em setenta anos, cheios de acontecimentos, vicissitudes e múltiplas actividades.

O *British Council* solicitou a Alison Roberts, jornalista da BBC em Lisboa, a elaboração desta obra, à qual gostosamente me associo com estas palavras de apresentação. É, afinal, a vida do «Britânico» que se descobre nestas páginas.

Este livro, em primeiro lugar, repousa numa extensa e sólida pesquisa. Entrevistas a diversas personalidades que tiveram contactos, a vários níveis, com o Instituto e/ou com o *British Council*; historiadores da vida portuguesa, que a analisaram nas suas complexas vertentes; antigos alunos; uma indagação intensa nos media e nos arquivos oficiais – tudo foi visto, observado e utilizado para fundamentar um conteúdo que se lê com agrado e em que cada página nos desperta interesse e curiosidade para lermos a seguinte. O estilo é simples, directo e de viva e atraente reportagem.

Depois, em segundo lugar, porque o texto nos faz percorrer a história do *British Council* nos contextos britânico e internacional, desde os longínquos anos trinta do século passado até à actualidade.

Significa isto, por último, que o «British Council Portugal @ 70» insere o leitor na elaboração das diversas políticas culturais britânicas para o exterior do país, que tiveram lugar no *Foreign Office* e que, por entre várias e muito discutidas opções, levaram à criação do *British Council*. E fá-lo também ao descrever-nos, com manifesto interesse, a ponderação dos interesses culturais externos do Reino Unido perante a França e a Alemanha dos anos trinta e respectivas lutas por áreas de influência.

Esta análise, no que respeita ao que o Reino Unido pretende fazer com o *British Council* acompanha o leitor até à actualidade. E assim somos transportados, com a mestria da “reportagem”, à evolução das várias estratégias britânicas para o *British Council*, aos estudos e relatórios sobre a matéria, às vicissitudes que levaram a mudanças de rumo, a transições de financiamentos, a lideranças de estilos diferentes com inevitáveis consequências quanto aos rumos a seguir.

Por outro lado, todo o processo que levou à criação do Instituto Britânico em Portugal tem o manifesto - e sempre renovado - interesse em mostrar-nos como as decisões que a isso conduziram se inseriram, naturalmente, numa estratégia global do

Reino Unido perante os seus competidores à escala mundial, a começar pela europeia, embora sem prejuízo de outros aspectos, nomeadamente a importância da então bem conhecida e relativamente “fechada” comunidade britânica em Portugal ou da valia, actualizada à época, da Mais Antiga Aliança nascida com o célebre Tratado de Windsor.

A verdade é que Portugal, como sabemos e o livro recorda-o, foi objecto da atenção das grandes potências durante o largo período que antecede a Guerra de 1914-1918 e que se estende até à vitória dos Aliados em 1945. O nosso país foi palco de diversas e intensas lutas pelo predomínio da influência. Essas lutas estavam inseridas num conflito à escala mundial, que nesse vasto período de tempo deu lugar a duras, e em muitos casos trágicas confrontações.

A instalação do Instituto Britânico em Portugal em 1938 – portanto, na véspera do grande confronto de 1939-1945 – foi também, se não mesmo decisivamente, causada pela necessidade de se contrapor a visão e a cultura britânicas à visibilidade e influência da Alemanha nazi, acompanhada esta de uma presença da Itália fascista, sem esquecer a habitual presença francesa, esta obviamente com maior habituação e relacionamento com as elites locais.

O livro de Alison Roberts faz-nos viver todos esses e outros momentos, colocando sempre o Instituto e o *British Council* simultaneamente na confluência das opções britânicas em todos os

patamares estratégicos à escala mundial, da luta de influência junto do regime autoritário português, da necessidade de dialogar com este para preservar o indispensável espaço de manobra no país sem o que a actividade do Instituto Britânico não seria possível.

Setenta anos trazem-nos do período da pré-guerra mundial de 1939-1945 até à actualidade, o que significa que o *British Council* e o seu Instituto Britânico - em Lisboa, Porto e Coimbra como eixo central, que mais tarde se alargou - com a sua biblioteca, as suas iniciativas culturais (quem não se recorda dos *Lisbon Players?*), os seus bolseiros, as suas aulas, estiveram presentes em décadas da vida portuguesa, exercendo uma influência fortemente positiva na defesa de princípios democráticos e de pluralismo cultural que foram, preservados e alargados pela sua acção, para além do que muito contribuíram para a formação pessoal e profissional de muitos milhares de cidadãos portugueses.

Isto significa que muitas pessoas deram o seu melhor para que tudo isto fosse possível. Escolher nomes é sempre difícil, mas entre os muitos justamente mencionados pela Autora quero lembrar os do Prof. George West e o do Dr. Carlos Estorninho, esteios da consolidação do Instituto na vida portuguesa. Refiro-os porque são dos mais antigos - embora sempre presentes - pilares sem cujo trabalho creio bem que o *British Council* em Portugal não teria tido a

presença e a solidez na resistência às “intempéries” que trouxeram o Instituto Britânico até à actualidade.

Creio que os Portugueses estão gratos ao *British Council* e ao seu “Britânico”. Os tempos que estão para vir são, como sempre, outros. Há novos interesses, novas perspectivas e formas de as abordar. O mundo é mais exigente. A concorrência dos meios disponíveis é forte. Porém, continuo como sempre, convencido que o *British Council* e o nosso “Britânico” saberão responder às expectativas de hoje com redobrado ânimo e inspiradora inovação.

Deixo os meus parabéns ao *British Council*, ao Instituto Britânico e a Alison Roberts.

Lisboa, 12 de Outubro de 2007

Jorge Sampaio

(Presidente da República – 1996/2006)